

Moral da história: força ilocucionária e perlocucionária em fábulas infantis de Sandra Diniz Costa

Everaldo Lima de Araújo

Mestre em Lingüística pela Universidade Federal de Uberlândia

Resumo O presente artigo tem por objetivo analisar a linguagem em cinco fábulas modernas destinadas ao leitor infantil, de autoria da escritora e professora Sandra Diniz Costa: “O girassol solitário”, “A árvore da montanha”, “Dona Coelhinho não tinha coelhinhos”, “Um presente especial” e “A chave perdida”. Essa análise visa perceber o jogo de intenções de linguagem, à luz da pragmática, apoiando-se nos pressupostos da teoria dos atos de fala de John Langshaw Austin (1990). Nessa perspectiva, leva-se em consideração a noção dos níveis de ação lingüística dos enunciados, a partir da idéia dos atos locucionários, ilocucionários e perlocucionários. Esta proposta de análise se deve ao fato de acreditar que esse gênero (fábula) abre mão de uma linguagem que pode exercer determinados efeitos sobre o leitor em potencial dessa categoria textual – a criança. A forma de enunciação nesse gênero merece um enfoque mais detalhado, observando-se as nuances da linguagem, a fim de verificar o que isso implica para esse leitor infantil. Nota-se, neste trabalho, que a força ilocucionária e perlocucionária dos proferimentos dos locutores vai ao encontro da idéia de que tais atos são importantes para a condução de uma interpretação mais rica do gênero em questão, tendo em vista um dos pressupostos dessa categoria de texto: o caráter moralizante.

1. Introdução

A literatura infantil brasileira tem demonstrado, desde a década de 70 do século XX, grande forma no mercado editorial, o que possibilitou maior circulação e, conseqüentemente, a atenção por parte daqueles que pensam (e/ou pensavam) sobre a literatura e/ou estudos da linguagem, ou seja, a crítica universitária, a pesquisa acadêmica. Evidentemente que o *boom* da literatura infantil na década de 70 se deve a todo um processo que se desenvolve há séculos. Pela historiografia literária ocidental, observa-se que desde a ascensão da burguesia européia e o surgimento dos contos populares e de fada, reconhece-se ali o nascimento de uma literatura que valorizava o público infantil, ainda que não se reconhecesse a criança como uma instituição social. Em termos de Brasil, não se pode negar a importância das primeiras traduções de clássicos europeus destinados a um público infantil (fins do século XIX e início do XX)¹. Não se pode ignorar também a relevância de Monteiro Lobato no processo de construção de uma literatura infantil brasileira, ainda que o mesmo tenha

¹ Para mais detalhes sobre a historiografia literária infantil brasileira ver LAJOLO e ZILBERMAN, 2002.

“bebido” em fontes diversas da cultura brasileira e estrangeira. Não se pode desconsiderar o que significou e significa Lobato para a nossa literatura destinada às crianças.

Após esse reconhecimento da literatura infantil, como sendo uma produção valorizada em nossa cultura, pretende-se, pois, neste trabalho, trazer para o centro da análise textos da literatura infantil brasileira contemporânea, especificamente fábulas destinadas às crianças. Nesse aspecto, convém evidenciar dois fatos que se julgam importantes para situar a proposta do trabalho em questão. Primeiro, deve ficar claro que ao se falar em literatura infantil, não se procura discutir o que vem a ser esse “universo literário infantil”, o que lhe é característico de uma forma geral. Ao se tomar essa nomeação, pretende-se apoiar em uma definição para o presente trabalho, levando-se em conta o objetivo da produção de tal literatura, a partir das considerações de produção mercadológica. O termo literatura infantil será entendido aqui como um tipo de literatura que leva em consideração a perspectiva mercadológica, a intenção do produtor e do editor. Assim, destina-se, pois, ao público infantil – a criança. Não se pretende aqui pautar por demais nessa questão, que dentro das críticas literária e cultural já é bastante abrangente, mesmo porque tem-se consciência de não ser essa a discussão central em que se pauta este trabalho. No entanto, convém salientar que esse tipo de literatura consegue tramitar em nossa sociedade e cultura de forma que a mesma não se restrinja somente ao público infantil, acabando, por vezes, sendo usufruída por leitores de faixa etária variada, ainda que o mercado editorial a direcione a um público alvo pré-determinado – o infantil.

Outro aspecto importante que merece uma breve abordagem diz respeito aos textos variados que circulam nesse universo chamado literatura infantil. Assim, destacam-se, por exemplo, contos de fadas, contos populares, contos maravilhosos, contos jocosos, narrativas poéticas, peças teatrais, histórias em quadrinhos etc. O que se nota é que não houve o surgimento de gêneros criados exclusivamente para o público infantil, visando a compor esse universo que é a literatura infantil. O que se percebe é que todos os gêneros acima arrolados, dentre vários outros não mencionados, não foram criados com a intenção de se dirigir a um público infantil. O que houve foi uma adaptação dos gêneros, a partir da linguagem, temas e mesmo estruturas, para que os mesmos pudessem ser apreciados pelas crianças. É o caso, por exemplo, da fábula, gênero antiqüíssimo. Nota-se haver uma tradição em nossa cultura, desde Monteiro Lobato, que tem levado vários autores a produzir textos dessa natureza, tendo-se em mente a criança. Dentro dessa proposta foi que se optou por utilizar a fábula “infantil” como *corpus* do trabalho em questão, *corpus* esse que se constitui de cinco histórias da coleção Novas Fábulas (composta de dez histórias²), da escritora e professora Sandra Diniz Costa.³

² As histórias da escolhida coleção são: *O girassol solitário*, *A árvore da montanha*, *Dona Coelha não tinha coelhinhos*, *Um presente especial* e *A chave perdida*.

³ Sandra Diniz Costa é escritora de histórias para crianças. É mestre em Linguística e professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Convém ressaltar que a fábula caracteriza-se por tratar de “uma pequena história simples, na qual os personagens são animais, e cujo remate, invariavelmente, tem intenções moralizantes” (LACERDA, 1968, p. 7). Segundo Coelho (2000),

nascida no Oriente, a fábula vai ser reinventada no Ocidente pelo grego Esopo (século VI a. C.), e aperfeiçoada séculos mais tarde pelo escravo romano Fedro (séc. I a. C.), que a enriqueceu estilisticamente. No século XVI, ela foi descoberta e reinventada por Leonardo da Vinci (mas sem grande repercussão fora da Itália e ignorado até bem pouco tempo). No século XVIII, La Fontaine reinventou a fábula (a partir do modelo latino e do oriental oferecido pelos textos do indiano Pilpay), introduzindo-a definitivamente na literatura ocidental. (COELHO, 2000, p. 165).

Ao tomar a fábula “para crianças”⁴ como *corpus* deste artigo, objetiva-se analisar a linguagem dessa categoria de texto, observando o seu caráter moralizante, a partir do jogo de intenções da linguagem, à luz da Pragmática, precisamente apoiando-se nos pressupostos da teoria dos atos de fala de John Langshaw Austin (1990). Tal proposta se deve ao fato de acreditar que esse gênero textual abre mão de uma linguagem que pode exercer efeitos consideráveis sobre o leitor, o que parece ser algo consensual entre pesquisadores do gênero textual, levando-se em consideração o caráter moralizante desse gênero. Ao se considerar o leitor em potencial – a criança – pressupõe-se que a forma de enunciação nesse gênero merece um enfoque mais detalhado, observando-se as nuances da linguagem, a fim de verificar o que isso implica para esse leitor. Assim, ao se propor um trabalho dessa natureza, espera-se que o mesmo signifique mais uma contribuição, ainda que modesta, aos avanços da Linguagem, uma vez que a proposta de trabalho se apóia nos estudos já realizados no campo lingüístico. O presente trabalho não visa, como produto final, ao esgotamento da questão em destaque, mas, sim, ao desenho de uma análise, a partir da qual se possa abrir caminhos para outras, assim como ao auxílio numa prática pedagógica mais efetiva, envolvendo questões de leitura da fábula junto ao público infantil.

2. Aporte teórico à luz da Pragmática

Levando-se em consideração a proposta deste trabalho que visa a analisar questões da linguagem num viés da Pragmática, fica evidente que o contexto sócio-histórico-cultural será fator determinante para que o jogo de sentido seja construído. E é nessa perspectiva

⁴ Ressalta-se que, dadas as características da fábula, a opção por chamar as histórias de Sandra Diniz Costa de fábulas deve-se ao fato de a própria autora assim o fazer. No entanto, acredita-se que duas questões merecem ser relevadas: 1^a) pode-se dizer que algumas dessas histórias selecionadas são, na verdade, apólogos e não fábulas, pelo fato de trazerem como personagens seres inanimados e não um animal personificado, conforme proposta canônica do gênero; 2^a) dada essa condição, pode-se dizer que, modernamente, não há uma divisão clara entre o que seja a fábula e o apólogo, preferindo chamar tanto um quanto outro de apenas fábula. Contudo, julga-se que essa segunda opção tem seus problemas, visto que há estudos que comprovam a clara divisão e que ambos os gêneros têm particularidades próprias, como atestam os estudos de Arantes (2006) e Araújo (2006).

que se procurará dar sentido(s) aos enunciados proferidos, a partir da proposta teórica de Austin (1990).

Dentre as contribuições austinianas para os estudos lingüísticos que serão levadas em consideração neste trabalho, destacam-se:

1.º) a distinção entre os enunciados performativos e os constativos. O primeiro diz respeito ao realizar uma ação ao ser dito algo. Como exemplo, cita-se: “Seja feliz!”. Quando dito, levando-se em consideração as condições de felicidade, expressa o desejo de quem fala, que almeja a felicidade de alguém, diante de determinado fato ou situação. Quanto aos enunciados constativos, os mesmos tratam de dizer sobre algo, a partir da realização de uma afirmação. Exemplificando, tem-se: “O gato quebrou a xícara”. Observa-se que houve um proferimento de algo, a partir de uma afirmação, portanto a descrição do estado de algo.

2.º) separação dos níveis de ação lingüística a partir de enunciados, com a proposta dos atos locucionários, ilocucionários e perlocucionários. Por ato locucionário entende-se como sendo o ato que diz alguma coisa a partir da enunciação de uma frase com determinado sentido e referência, sendo, portanto, uma descrição da língua. Ao dizer, por exemplo, “eu estou faminto”, há uma frase enunciada que expressa algo sobre o falante (eu). O ato ilocucionário, segundo Fiorin (2002, p. 173), “é o que se realiza na linguagem”. Ao tomar o exemplo “feche a porta!”, percebe-se que há um ato de pedido ou ordem, que se realiza na linguagem, no ato de dizer. A própria postura verbal – feche – no imperativo marca esse posicionamento do ato ilocucional. Esse ato é, assim, regido por uma força convencional, previsto por normas de convenção da sociedade. Quanto ao ato perlocucionário, estes dizem respeito a atos aos quais se diz algo para persuadir o outro. Segundo Austin (1990, p. 89-90), “dizer algo freqüentemente, ou até normalmente, produzirá certos efeitos ou conseqüências sobre os sentimentos, pensamentos, ou ações dos ouvintes, ou de quem está falando, ou de outras pessoas. E isso pode ser feito com o propósito, intenção ou objetivo de produzir tais efeitos”. Em outras palavras, num ato perlocucionário, o locutor espera que o interlocutor faça o que ele tinha pensado que ele faria. Como exemplo, tem-se: “Fumar faz mal à saúde”. Esse enunciado proferido por alguém pode causar uma força persuasiva em alguém, no que diz respeito ao uso do fumo. Tomado pela consciência dos males que o tabagismo provoca, o interlocutor pode se sentir “tocado” pela enunciação, sofrendo, assim, efeito por meio do ato perlocucional. Dito tudo isso, convém salientar que, ao ser proferida uma sentença, a mesma pode ser analisada, simultaneamente, nas três dimensões acima expostas.

3. Um “olhar pragmático” sobre as fábulas “infantis”

Numa perspectiva ampla, pode-se dizer que a Pragmática, sendo campo de estudo lingüístico, “estuda a relação dos usuários da linguagem com a linguagem”. (GUIMARÃES,

1983, 15). Assim, caminha-se, neste momento, para uma reflexão sobre o uso da linguagem, observando-se essa relação a partir do aporte teórico já discriminado.

Em “O girassol solitário”, temos a história de um pequeno girassol que acabara de nascer e pede ajuda ao sol para que este lhe consiga alguns amigos. Diante do pedido feito pela flor, o Sol diz: “Um amigo, Flor, é o maior tesouro que se pode ter. Se a pessoa for a mais rica do mundo e não tiver amigos, será uma pobre mendiga... E a pessoa mais pobre do mundo, se tiver amigos, será milionária... Mas... Amigos a gente tem que merecer... E conquistar!”. Ao proferir esse enunciado, fica evidente que o propósito do Sol, ao utilizar a linguagem dessa forma, é fazer com que a flor reflita sobre o seu pedido. Assim, a força ilocucionária é percebida pelo jogo de intenções por parte do enunciador ao proferir essas palavras. Por conseguinte, a força perlocucionária vai conduzir a uma mudança de atitude por parte da flor, partindo de uma reflexão sobre como conseguir amigos, sobre o seu pedido. Dessa forma, por causa dessa força perlocucionária é que a história será desenvolvida, apresentando uma mudança de comportamento da flor, que, a partir desse fato, irá procurar por um amigo.

Em “A árvore da montanha”, vê-se a história de uma árvore localizada em uma montanha bem alta, que vivia feliz com todos os acontecimentos que a natureza lhe proporcionava: a mudança climática, o vento, a chuva, os raios de luz etc., até que um dia ela percebe à sua frente uma paineira que, pela primeira vez, cobriu-se de flores. Ao ver tamanha beleza e vendo que sua copa não trazia nenhuma flor, a árvore da montanha sentiu-se sem graça, triste pela sua condição. Até que um dia, um passarinho a olha e diz: “Esta árvore está um pouco baixo astral, mas, mesmo assim, ela é muito boa para fazer um ninho! Seus galhos são fortes e dá para ficar bem aconchegado no meio de suas folhas! Vou chamar a minha mulher e vamos começar construir nossa casa nova!”. A fala do passarinho, com um aparente proferimento constativo, visto que a princípio tem-se a idéia de descrever um ato, passa, de imediato, a ter um efeito performativo, visto que, a partir desse momento, a árvore se enche de vida, reestabelece a alegria e a história retoma o clima de beleza e felicidade do princípio. O caráter performativo é decisivo para que a árvore se veja como “alguém” também importante, também com valor.

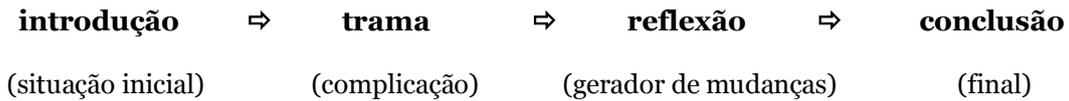
Na história “Dona Coelha não tinha coelhinhos”, tem-se a história de Dona Coelhinha que tinha tudo, ou melhor, quase tudo para ser feliz: um bom e belo marido, condição financeira favorável etc. Só que ela vivia infeliz porque não conseguia ter filhos. Até que um dia ela foi ter com a Tartaruga Pascoala, considerada muito sábia, para que esta pudesse lhe dar uns ensinamentos, um jeito de ter filho. Para a sua surpresa, a tartaruga lhe disse: “A gente não é mãe apenas dos filhotes que saem da nossa barriga! Você não pode ter os seus coelhinhos. Mas já pensou nos muitos filhos que não têm mãe? Você sabia que, só no Brasil, se todas as crianças abandonadas, sem pai, sem mãe e sem casa dessem as mãos para brincar de roda, elas cercariam todo o mapa, de tantas que são! Não tem a menor importância de que barriga sai o filhote. O importante é saber em que coração ele vive...” Dona Coelha

entendeu a mensagem de que a solução de seu problema seria a adoção de um filhote. A princípio, rejeitou prontamente a idéia, mas depois, passando por um momento de reflexão, percebe-se a força ilocucionária das palavras da tartaruga, que a fez mudar de idéia. Começa a agir de forma diferente, busca a solução naquela proposta da tartaruga e encontra a felicidade na adoção de vários coelhinhos.

Em “Um presente especial”, conta-se a história de um menino chamado Gustavo que, devido à aproximação do dia das mães, estava preocupado em achar um belo presente para a sua mãe. Ele não sabia onde havia o presente mais bonito do mundo. Então, teve a idéia de saber junto aos animais o que eles pensavam em dar às suas mães, a fim de, a partir daí, quem sabe, “copiar a idéia” de um deles. Para sua surpresa, os presentes dos animais eram: a formiguinha – uma folhinha, o cachorrinho – um osso, o coelhinho – uma cenoura, o macaco – uma banana, o leitão – uma casca de melancia. De início, os proferimentos dos animais ao descreverem as suas intenções – atos constativos – fazem com que Gustavo se desespere, produzindo assim um novo rumo para a história. No entanto, passado o efeito, ele começou a buscar uma saída para a sua preocupação. A partir disso, o menino entra em uma grande caixa de presente colocada à frente de sua casa para que sua mãe a encontrasse. Ao encontrá-la, sua mãe a abre e se surpreende com o filho dentro. Diante dessa história, fica evidente que os enunciados dos animais são incisivos para a história tomar o rumo que tomou: num primeiro momento, tem-se um instante desestabilizador da história: o pânico de Gustavo por não achar nenhuma idéia a partir das conversas com os animais. Depois, a reflexão, a partir das falas dos animais, que levam Gustavo a achar a solução para o seu problema, conduzindo a história para um final feliz. Assim, os enunciados passam a ter um ato performativo decisivo no desenrolar feliz do enredo.

Na fábula “A chave perdida”, tem-se a história de um coração de menino que, com medo de sofrer, tranca o próprio coração e joga a chave fora. Com o tempo, o coração foi ficando cada vez mais triste por aquela situação. Até que um dia, uma voz, de origem ignorada, diz a ele: “Não existe nada mais aberto do que um coração de criança... Tente voltar, coração! Volte no tempo e lembre... Será que você nunca foi criança, nem foi feliz? (...) Você não quer arriscar... Não quer se abrir para não sofrer... Mas não está sofrendo assim? Não é pior sofrer de medo de sentir dor?”. Esses enunciados proferidos por uma voz estranha é que vão promover uma reflexão no Coração, fazê-lo buscar a chave que havia jogado fora e estava perdida, destrancar o próprio coração e voltar a viver com a felicidade, apesar do risco. A voz estranha que o Coração ouvira é providencial para que a história mudasse o rumo, levando-o a agir de forma diferente. Tal transformação se deve ao caráter perlocucionário dos enunciados. Os atos de fala foram importantes para a reviravolta da história.

Para que se perceba a força impregnada pela língua nas fábulas analisadas, convém apresentar como se dá a organização estrutural básica dessas fábulas, a partir da proposta abaixo:



Na *introdução*, temos a situação inicial, em que são apresentados todos os elementos importantes para que se entenda a história. Depois, é apresentada a *trama*, momento marcado por um problema, fator de complicação dentro da fábula. No terceiro momento, acontece uma *reflexão*, que será a ponte para o quarto momento, a *conclusão*, o final feliz. No que diz respeito à proposta deste trabalho, é importante destacar o terceiro momento: a reflexão. Esse momento só foi possível graças aos atos ilocucionários proferidos por um locutor que causou em seu interlocutor (personagem central das fábulas) uma força perlocucionária. É a perlocução que determina a reflexão, a mudança de comportamento dos personagens, o final feliz.

4. À guisa de conclusão

Após as considerações arroladas até então, conclui-se que a força perlocucionária, atrelada ao poder ilocucionário dos proferimentos dos locutores vão ao encontro da idéia de que tais atos são importantes para a condução de uma interpretação mais rica no gênero fábula, visto que um dos pressupostos básicos dela é o caráter moralizante. Essa reflexão é que vai ser o aporte para isso. Não se pretende, evidentemente, que a teoria austiniana seja abordada num contexto escolar, ao se propor um trabalho com as fábulas junto ao público infantil. O que se propõe é dar suporte teórico ao educador, visando perceber em que momento nas histórias estudadas requer-se uma atenção, visando exatamente mostrar esse caráter moralizante das mesmas. Isso parece ser questão importante ao abordar esse gênero na sala de aula. Daí, a importância desta reflexão.

5. Referências bibliográficas

ARANTES, Marilza Borges. *A argumentação nos gêneros fábula, parábola e apólogo*. 2006. 171 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Programa de Pós-graduação em Lingüística. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

ARAÚJO, Everaldo Lima de. *Era uma vez... coesão e legibilidade em histórias infantis para leitores iniciantes*. 2006. 183 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Programa de Pós-graduação em Lingüística. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 136 p.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000, 287 p.

COSTA, Sandra Diniz. *Coleção novas fábulas*. Uberlândia, MG: Claranto, s/d. (Coleção Novas Fábulas – 10 livros e 01 cd áudio/interativo).

FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso, in: FIORIN, José Luiz. (org.). *Introdução à lingüística: I – objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 165-186. (Capítulo 8).

GUIMARÃES, Eduardo Roberto Junqueira. Sobre alguns caminhos da pragmática, in: *Sobre pragmática*. Uberaba: Série Estudos, 9, 1983. p. 15-29.

LACERDA, Nair. (org.). *Fábulas do mundo inteiro*. São Paulo: Cultrix, 1968. 172 p. (Coleção Clássicos da Infância).

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 6 ed. 2 impr. São Paulo: Ática, 2002.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática, in: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001. vol. 2. p. 47-68. (Capítulo 2).

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Dos dizeres diversos em torno do fazer, in: *D.E.L.T.A.* São Paulo: v. 8, n 1, pp. 91-133.